

Efeito de sentido*

Carlos Augusto Monguilhott Remor¹
Greici Weinzierl
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

A intervenção psicanalítica trabalha com o sentido, com o sem-sentido e com o “efeito de sentido”, tanto por parte da intervenção do analista quanto por parte de seus efeitos no analisante. O presente trabalho é constituído por reflexões sobre a complexidade da questão do sentido, como causa e como efeito da intervenção analítica. Isso se distancia do clássico “saber insabido” do inconsciente freudiano, assinalando a possibilidade de roçar pontas do real, onde sabemos não haver sentido.

Palavras-chave: Efeito de sentido; sentido; intervenção psicanalítica.

Abstract

The psychoanalytic intervention works with the sense, with the non-sense and with the sense effect, so much on the part of the analyst's intervention as on the part of the effects in the analisante. The present work is constituted by reflections about the complexity of the subject of the sense, as cause and as effect of the analytic intervention. That goes away of the classic ‘know the unknown’ of the Freudian unconscious, marking the possibility to rub points of the Real, where we know there is no sense.

Keywords: Sense effect; sense; psychoanalytic intervention.

Introdução

Desde Freud, a questão relativa ao sentido é central na psicanálise, e assim continua no ensino de Lacan. Ela nos interessa enquanto é baliza na direção da cura analítica. O mestre francês refere que a partir do sentido se goza (LACAN, 2000a). A interpretação, segundo Harari (1993, p. 153),

* Sense effect

¹ Endereço para correspondências: Rua Presidente Coutinho, 212, ap. 101, Centro, Florianópolis, SC, 88015-230 (cremor@mbox1.ufsc.br, greiciweinzierl@yahoo.com.br).

mostra o laço da fala com o gozo. É nessa procura de prazer e evitação de desprazer que se situa a possibilidade de equilíbrio. Daí surge a idéia de harmonia e homeostase, que são noções fundamentais de toda posição médica. Isso é comentado por Lacan, na aula chamada *A harmonia médica*, como ideal grego, desde o discurso de Erixímaco, na busca por uma idéia de acordo (LACAN, 1992, p. 73). Assim, podemos pensar que há um equilíbrio que procura adaptar o neurótico a seu sintoma, ao contrário de o que se pensa, por meio de atribuições de sentidos que tentam conectar seu eu com seu sintoma.

O sintoma é uma das quatro formações do inconsciente, junto com os atos falhos, sonhos e chistes, ou seja, é uma formação mais ou menos intermediária, entre pulsão e defesa. O sintoma satisfaz a ambos, pulsão e defesa, parcialmente e, em sua cristalização, ambos também fracassam, parcialmente. Freud (1976a, p.189-190), em *Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade*, define-o como substituto de uma satisfação pulsional sexual, como consequência da repressão. A formação dos sintomas consegue combinar a proibição com a satisfação, de modo que o que era originalmente uma ordem defensiva ou proibição adquire também o sentido de uma satisfação.

Na psicanálise, quebra-se esse equilíbrio mediante recursos linguageiros. O termo “explicar”, que envolve diretamente a questão do sentido, deu lugar à famosa frase, atribuída a certa maneira de se referir ao mestre vienense: “Freud explica”. A maneira de oferecer escuta psicanalítica àqueles que nos procuram como destinatários de certo saber, certamente, não é explicativa, mas sim implicativa, à medida que podemos nos implicar no que nos é demandado. Essa é a responsabilidade ética, à medida que a ética da psicanálise se constitui pelo modo como o psicanalista não cede ao desejo do analista.

O sentido é o que permite ao eu esse casamento com o sintoma. Assim, para promover a possibilidade de separação, é necessário o uso de recursos que, embora linguageiros, alcancem, em certa medida, algo de distanciamento entre o som e o sentido. Lacan, no Seminário R.S.I.², coloca o sentido na intersecção entre imaginário e simbólico.

O efeito que o sentido faz não é o próprio sentido. Perguntamos, então: A interpretação tem sentido ou procura sua quebra? Como,

² R.S.I. é o nome do Seminário de Lacan que designa Real, Imaginário e Simbólico, mas também, pela homofonia em francês: heresia.

pela atividade do eu, qualquer palavra gera sentidos, poderíamos pensar que a intervenção pode ser qualquer coisa, contudo, falar do sem-sentido não é o mesmo que falar sem sentido, ou seja, não devemos confundir “o tratamento do sem-sentido” com “o tratamento sem sentido”.

Sentido: efeito de sentido

Conforme dito, equilíbrio, harmonia e homeostase são noções fundamentais de toda posição médica, como comentado por Lacan, na classe chamada *A harmonia médica*, como ideal grego, desde o discurso de Erixímaco, na busca por uma idéia de acordo (LACAN, 1992, p. 73). Meio-termo, moderação, comedimento, psiquiatria moderna da compensação e do ataque ao estresse baseiam-se na premissa, quase universalmente aceita, de que todo estresse deve ser rebaixado, mantendo-se equilíbrio nos meios-termos.

Sobre isso, podemos pensar também a partir de outra ótica. Freud cita um comentário de Erb, de 1893, sobre o assunto, referindo os temas tomados como fatores do estresse relacionados com o que ele chama de “alta incidência da doença nervosa moderna”, nos seguintes termos aproximados:

As extraordinárias realizações dos tempos modernos, as descobertas e as investigações em todos os setores e a manutenção do progresso só foram alcançadas e só podem ser conservados por meio de um grande esforço mental. Cresceram as exigências impostas à eficiência do indivíduo; em todas as classes aumentam as necessidades individuais e a ânsia de prazeres materiais; um luxo sem precedentes atingiu camadas da população a que até então era totalmente estranho; a irreligiosidade, o descontentamento e a cobiça intensificam-se em amplas esferas sociais. O incremento das comunicações que envolvem o mundo alterou completamente as condições do comércio. Tudo é pressa e agitação. A noite é aproveitada para viajar, o dia para os negócios,

e até mesmo as “viagens de recreio” colocam em tensão o sistema nervoso. As crises políticas, industriais e financeiras atingem círculos muito mais amplos do que anteriormente. Quase toda a população participa da vida política. Os conflitos religiosos, sociais e políticos, a atividade partidária, a agitação eleitoral e a grande expansão dos sindicalismos inflamam os espíritos, exigindo violentos esforços da mente e roubando tempo à recreação, ao sono e ao lazer. Os nervos exaustos buscam refúgio em maiores estímulos e em prazeres intensos. A literatura moderna ocupa-se de questões controvertidas, que despertam paixões e encorajam a sensualidade, a fome de prazeres, o desprezo por todos os princípios éticos e por todos os ideais. Nossa audição é excitada e superestimada por grandes doses de música ruidosa e insistente. As artes cênicas cativam nossos sentidos com suas representações excitantes, enquanto as artes plásticas se voltam de preferência para o repulsivo, o feio e o estimulante, não hesitando em apresentar aos nossos olhos, com nauseante realismo, as imagens mais horríveis que a vida pode oferecer (FREUD, 1976b, p.189-190).

Impressiona como esse trecho freudiano permanece atual. Impressiona mais o fato de esse ideal grego de apaziguar, de rebaixar as tensões à calma e à tranquilidade, equilibradas nos meios-termos, permanecer inalterado. Essa ética médica do ataque aos extremos, da compensação, nem muito uma coisa nem muito outra, é também um ataque ao gozo. O gozo é, então, visto como objeto mau, que precisa ser destruído, já que é danoso.

Por outro lado, exatamente na direção contrária, também chama a atenção a moda atual, em que se procura por objetos fálicos, geralmente representados em corpos “perfeitos”, sempre jovens, mulheres perfeitas construídas cirurgicamente, com narizes, rostos, cabelos, peitos e nádegas maravilhosos; inscrições e perfurações no corpo, adereços de toda ordem,

cujas marcas³ parecem dizer mais do que elas mesmas. Tudo isso alimenta a ostentação da idéia da promessa de um gozo de completude, gozo fálico, buscado ao extremo da situação do não-recomendado estresse.

Essa posição também se encontra como característica do eu, pois seu trabalho é fazer sentido. Máquina de fazer sentido, o eu dá coerência ao fantasma, à realidade, numa aparência de que tudo está em seu lugar. O simbólico, assim, é tranquilizador, apaziguador, sedativo. O discurso tem efeito de sugestão, é hipnótico, “é sempre adormecedor, salvo quando não se o compreende – então desperta” (LACAN, 2000e).

O trabalho da análise não parece fazer pender a balança para o sentido nem para o apaziguamento das tensões e do gozo. A intolerância ao aumento das tensões desembocaria numa espécie de desmotivação para a vida, ou seja, numa astenia. Estaríamos na primeira proposição freudiana do princípio do prazer, cuja meta é reduzir a estimulação e as tensões. Ainda com Freud (1976c, p. 17-85), sabemos que a psicanálise está além do princípio do prazer, como ele intitulou um de seus artigos. Por outro lado, o incremento dos sentidos engorda o sintoma, como ensina Lacan (2000b) em *A terceira*.

Desse modo, o de que se trata não é mais o sentido, mas algo que tem relação com ele: Lacan (1978, p. 323) fala de “efeito de sentido”, expressão que, em cujo caso genitivo, expressa a noção de posse ou origem. O genitivo conota propriedade, mas ela inverte-se nos casos “subjetivo” e “objetivo”. Assim, “efeito de sentido” refere um efeito que o sentido confere, provocado pelo sentido, ou, ao contrário, o sentido como efeito de outra coisa? Essa característica do genitivo mostra uma ambigüidade.

No caso genitivo objetivo, trata-se do sentido como provocador de efeito. No caso subjetivo, o sentido é provocado. Assim: sentido que provoca efeito ou sentido provocado. Daí Lacan (1992, p.124) tira o exemplo “desejo de criança”, enquanto isso possa indicar o desejo que se tenha de ter uma criança (caso objetivo) ou o desejo que essa criança tenha (caso subjetivo). A pergunta é: Quem deseja?

Lacan (2000d), no R.S.I., comenta que procura “qual pode ser o real de um efeito de sentido”, o que já não corresponde a engordar o sentido, pois refere o real de um efeito de sentido, e isso é uma ponta de real. O efeito que o sentido faz não é o próprio sentido. Assim, como o sentido pode servir de acessório e não engordar o sintoma?

³ O termo “marca” conota, aqui, tanto o que foi marcado no corpo quanto a assinatura de alguma empresa produtora do adereço.

Existem simultaneamente aqui duas questões: intervenção do analista ou o que ela gera no analisante? A interpretação tem sentido? – isso é uma questão. Por outro lado, o que ela gera no analisante é outra coisa. Uma interpretação sem sentido poderia gerar um sem-sentido, um paradoxo, um modo de não engordar o sintoma. Por outro lado, receber uma intervenção com sentido não quer dizer que ela faça sentido.

Chama a atenção que o sentido não necessariamente gera sentido. Esse fato não é antecipável, é incerto e há possibilidade de gerar sem-sentido, despersonalização, desconcerto, incompreensão, perplexidade, todos esses aspectos fundamentais de uma análise. Há disparidade nas direções. Uma imbecilidade pode gerar grande efeito, enquanto outra imbecilidade pode gerar apenas a ira do ouvinte. Todas essas diferenças mostram-se pela análise do “de” – genitivo – objetivo ou subjetivo.

Por parte do analista, há a questão de qual efeito o sentido produz, ou seja: O sentido produz efeito de sentido ou gera mais sentido? No caso de gerar mais sentido, estaremos na engorda do sintoma.

Se operarmos apenas pela via do simbólico, a análise se tornará somente um sedativo para acalmar, reduzir as tensões e os sintomas. Esse fato é expresso no famoso termo que deu nome a um psicotrópico: “ansiolítico”. Opostamente, se apenas diminuirmos as tensões, haverá desmotivação para a vida. De modo contrário, concordaríamos com que o objetivo de uma análise possa ser temperar ou moderar o gozo – ideal grego do equilíbrio.

O efeito de sentido, enquanto seja um determinado tipo de efeito de sentido, pode ser útil. O sentido da intervenção do analista pode se colocar na intersecção entre o entrelaçamento do nó borromeu e gerar sentido, mas não exclusivamente isso. Ao dar voltas no nó borromeu (Figura 1), não teremos necessariamente sentido como efeito, posto que a orientação do real exclui o sentido. Assim, ao entrar pelo simbólico, não temos certeza de que o efeito se dará nesse registro. Contudo, a intervenção do analista não tem de ser, por isso, insensata. Lacan (2000c), no seminário R.S.I., coloca o sentido numa parte da lúnula resultante da intersecção entre imaginário (I) e simbólico (S), como na figura abaixo: mas aí precisamos atentar para que se trata do sentido, e não do “efeito de sentido”.

Como mais tarde, pela atividade do eu, qualquer palavra vai gerar sentidos, poderíamos pensar que a intervenção pode ser qualquer coisa, até o ponto de introduzirmos gestos, pois estes excluem, de imediato, o sentido.

Em *L'insu...*, Lacan (2000e) diz que o chamado não-verbal, o paraverbal, o pré-verbal, tudo isso é hiperverbal, ou seja, está de acordo com a frase que se tornou popular: “Uma imagem diz mais do que mil palavras”.

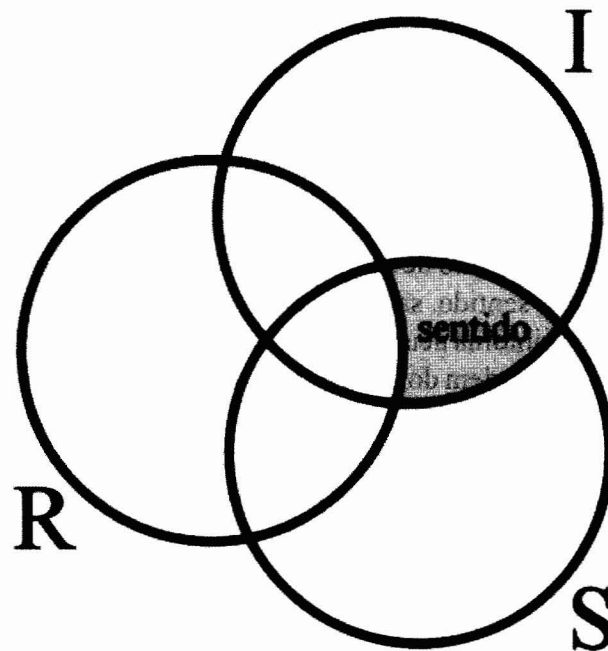


Figura 1

Nó borromeu representando os três registros da experiência psíquica em seu entrelaçamento.

Fonte: LACAN, 2000c.

Temos também de pensar que há defasagem entre o que é causal e o efeito produzido – há desproporção. Por exemplo, algo que um analisante considere muito importante em sua vida pode aparecer num sonho como uma lembrança constituída apenas por uma palavra. Uma grande estrutura, portanto, gera um pequeno efeito condensado.

Outra possibilidade de pensar essa complexidade de questões que envolvem o sentido poderia ser de que, para evitar gerar sentido, o analista também poderia ficar absolutamente calado. Cabe lembrar que Lacan (1992, p.188) ensina a “fazer” o morto do jogo chamado *bridge*. Aqui, novamente não é do silêncio cadavérico que se trata. O morto também joga, é morto apenas como lei de jogo, semblante de morto, enquanto é alcançável.

Esse conceito da psicanálise, que vai do sentido ao distanciamento da busca por sentidos e a tentativa de algum alcance do real lacaniano pela intervenção chamada *forçage*⁴, é o que Lacan agrega como nova proposta de intervenção na clínica psicanalítica. Ele procura uma intervenção que possa ir além do simbólico, ou seja, porque “a metáfora e a metonímia não têm alcance para a interpretação senão enquanto são capazes de fazer função de outra coisa, para a qual se unem o som e o sentido” (LACAN, 2000e).

Quando o analista fala, o que gera? – o *forçage*, que é o modo de fazer força, fazer violência “pela” linguagem e “contra” a linguagem. Não obstante, poder-se-ia supor que trabalhar com a questão do sentido gerado no analisante, do “efeito de sentido”, seria contrário ao *forçage*, dado que ele vai contra o sentido, sai do sentido. Trata-se de quebrar o equilíbrio adaptativo do sintoma neurótico mediante recursos linguageiros, cuja instrumentação é da ordem dos paradoxos, segundo ensina Harari (2001, p.27). Assim, resta-nos não mais “explicar”. Essa proposta do final do ensino de Lacan é “tributária direta do esgotamento da via metafórica simbólica, ela rende tributo à lógica caótica da desordem, a qual se sustenta no *forçage*” (HARARI, 2001, p.28).

Conclusão

O simbólico e o inconsciente são insuficientes do ponto de vista da clínica psicanalítica, embora próprios e necessários na direção da cura.

Inicialmente, segundo Claude Conté (1995, p. 137), Lacan (2000c) introduziu a dimensão de imaginário na psicanálise. Depois ele introduziu a função simbólica, já presente em toda a obra freudiana, embora não tematizada. Evocar o real é um desafio que vem sempre junto à sensação de que algo vai faltar, embora essa seja uma tentativa de trazer uma parte fundamental do trabalho de Lacan (2000c).

Se é pelo *forçage* que se pode fazer soar outra coisa que não é o sentido, é porque o sentido obstrui o aparecimento de um significante novo. Não é pelo lado da lógica articulada que se pode sentir seu alcance. O *forçage* é um novo tipo de idéia que não floresce espontaneamente, só pelo fato de que produz sentido, mesmo porque o sentido é da ordem do imaginário.

⁴ Invenção lacaniana de um modo de intervenção na clínica que pretende cortar a corrente infindável de sentidos simbólicos, à qual o neurótico se prende e, com isso, defrontá-lo com o sem-sentido da vida (talvez aí esteja algo do que soa no termo *forçage*, como pela força, de vez que não há outra escolha).

A ligação com o sentido parece fazer parte da definição mesma do *homo sapiens*, que rege seu modo de pensamento usual e seu modo de expressar-se, imprimindo a lógica, consistência e coerência a seu discurso.

A questão do sentido é fundamental na cultura, nas relações pessoais. Contudo, na clínica, já desde os ensinamentos iniciais de Freud, é necessário pensar em uma maneira de intervenção que possa quebrar essa ligação fixa entre o som e o sentido. Se isso pode ser estranho a nosso entendimento comum, por outro lado, é base para que, com isso, possamos libertar o analisante de seu agarramento tanto aos sentidos quanto a seus sintomas.

Por que os sons e os sentidos entram nessa questão e de que modo o *forçage* pode gerar outra coisa é tema para seguir pesquisando em outro trabalho.

Referências bibliográficas

CONTÉ, C. *O Real e o sexual: de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria sexual. In: *Obras completas*. v.7. Rio de Janeiro: Imago, 1976a.

FREUD, S. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: *Obras completas*. v.9. Rio de Janeiro: Imago, 1976b.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: *Obras completas*. v.18. Rio de Janeiro: Imago, 1976c.

HARARI, R. De paradoxos clínicos desde a psicanálise caótica. *Clínica-men*. Revista psicanalítica, Florianópolis, n.01, 2001.

HARARI, R. *¿De qué trata la Clínica Lacaniana?* Buenos Aires: Catálogos, 1993.

LACAN, J. Seminário 22. R.S.I. Classe 5, 11/06/74. In: CD-Rom *Lacan2000*. RD Ediciones Electrónicas, 2000a. Inédito.

LACAN, J. (1974). La tercera. In: CD-Rom *Lacan2000*. RD Ediciones Electrónicas, 2000b. Inédito.

LACAN, J. Seminário 22. R.S.I. Classe 1, 14/01/75. In: CD-Rom *Lacan2000*. RD Ediciones Electrónicas, 2000c. Inédito.

LACAN, J. Seminário 22. R.S.I. Classe 5, 11/02/75. In: CD-Rom *Lacan2000*. RD Ediciones Electrónicas, 2000d. Inédito.

LACAN, J. Seminário 24. L'insu que sait de l'une bevue s'aile a mourre. Classe de 19/04/77. In: CD-Rom *Lacan2000*. RD Ediciones Electrónicas, 2000e. Inédito.

LACAN, J. O seminário. In: *A transferência*. Livro 8. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.